

A CRÍTICA DE AVATAR (2009) POR CAHIERS DU CINÉMA E AS (IM)POSSIBILIDADES DO FILME COMO OBRA UTÓPICA

Karol Souza Garcia¹; José Carlos Volcato; Maristela Machado²

¹UFPel – Garcia.karol@terra.com.br

²UFPel – Zaeca@gmail.com; Maristelagsm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Avatar (2009) foi extremamente produtivo no que concerne às publicações na imprensa. Revistas veiculadas em diferentes grupos – e não somente aquelas voltadas aos especializados em cinema – apresentaram o filme por diversas perspectivas. Essas publicações proporcionam um corpus de estado da arte que não poderia ser desperdiçado, ainda que grande parte delas contenha informações, de acordo com a diferenciação de Jacques Aumont (1995), voltadas para o grande público.

Essa distinção presente em *A estética do filme* (1995) – texto do autor mencionado no parágrafo acima - divide os escritos sobre cinema em três categorias: “as publicações para ‘grande público’, os escritos para cinéfilos e os escritos teóricos e estéticos” (AUMONT, 1995, p. 09). As primeiras consistem nas revistas em estilo *Première* que trazem curiosidades sobre a vida dos atores, dados comerciais de bilheterias e orçamentos; nos escritos para cinéfilos, o foco muda dos atores para os diretores e sua filmografia, nesse campo, estariam inscritas as práticas de crítica cinematográfica.

Por último, há os artigos teóricos e estéticos quantitativamente menos representativos. A fim de defini-los, podemos estabelecer a seguinte relação: enquanto os textos dirigidos aos leitores comuns tratam dos atores e aqueles voltados para cinéfilos focalizam os diretores, a escritura teórica é voltada para o objeto fílmico, considerando sua especificidade.

Esse trabalho, como um recorte do texto de dissertação intitulado “*A Utopia* (1516) de Thomas More e *Avatar* (2009) de James Cameron: congruências e incongruências na representação do tema utópico”, discutirá apenas um dos artigos pertencentes à segunda categoria, escrito por Jean Chauvin e retirado da revista *Cahiers du Cinéma* (janeiro/2010). Os principais objetivos desse estudo consistem em analisar na exposição selecionada se *Avatar* é caracterizado como utopia e refletir sobre os elementos da obra aos quais se refere esse tratamento.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Em um primeiro momento de observação, *Cahiers du cinéma* é uma revista especializada em cinema ou, de acordo com a categorização acima, um escrito para cinéfilos. Entretanto, o seu objeto de narração transita entre os festivais, os célebres diretores e o filme. Esse terceiro elemento requer que nossa classificação seja posta em dúvida, dessa forma, recorreremos à forma de abordagem do filme presente nesse periódico.

De acordo com o *Dicionário teórico e crítico de cinema* (2003) de Jacques Aumont e Michel Marie, “a crítica é um exercício que consiste em examinar uma obra para determinar seu valor em relação a um fim” (p. 68). Até a presente colocação, não é possível distinguir o texto crítico do teórico. No entanto, os autores acrescentam uma distinção: a crítica pode ser “objetiva ou subjetiva conforme a escala de valores à qual se relaciona a obra julgada seja ou não independente daquele que julga” (p. 68).

Aumont e Marie (2003) ainda afirmam que o texto crítico possui “uma dupla função de informação e de avaliação” (p. 69). O caráter avaliativo da crítica é o que a difere da análise, já que o objetivo dessa última é o “esclarecimento do funcionamento” da obra em determinado contexto e a “*proposição de uma interpretação*” (p. 69). Visto isso, acreditamos que a “crítica” – intitulada dessa forma na própria revista - de *Avatar* em *Cahiers du Cinéma* consiste em um texto híbrido, situado entre o texto crítico e o analítico.

Jean-Sebastien Chauvin é o autor dessa avaliação da película de Cameron. Diferentemente do que é colocado por Aumont e Marie (2003) quanto à formação acadêmica dos críticos – muitas vezes não especializada. Dessa forma, sua reflexão compreende aspectos intrínsecos ao objeto fílmico, superando a camada superficial de informações sobre custos e rendimentos.

O tema que desencadeia a discussão é o uso da “Imagem-síntese”, ou imagem-síntese em português, isto é, o recurso da animação ou imagem técnica. *Avatar*, no interior dos filmes animados, é construído por meio da “capture-performance”, uma técnica que utiliza a filmagem dos movimentos e feições dos atores reais para a posterior produção dos traços construídos. De acordo com Chauvin, este é um instrumento fundamental na criação dos Na’vi e de Pandora, pois é contraposição das imagens reais ou ópticas – Aumont e Marie as chamam

de analógicas – em relação às sintéticas que provoca o efeito de identificação ou não-identificação com os eventos e características desse novo universo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dessa lógica de oposição entre o real/humano e o irreal/avatar, Chauvin destaca a utopia plástica existente na película, baseada na construção artificial desse novo mundo heterogeneo. O autor, ao tratar dessa oposição característica às utopias, não coloca no termo visado por nós. Essa não-utilização da palavra “utópico” pode ser justificada pela ausência de um mal-estar – entendido como um dispositivo da reflexão – no filme que é comumente presente nas obras do gênero estudado. Nas palavras do crítico, “[...] sinto muito por Cameron não ter ousado ir até a provocação de um mal-estar, aquele que nós podemos experienciar diante de formas de vida inabituais, regidas por suas próprias leis” (p. 60 – 61).

Logo, é adequada a forma como a opinião acima é expressa, pois a coerência plástica ou a criação de um novo universo não é um elemento determinante na definição de uma obra como utópica. Como já foi defendido através de Karl Mannheim (1929), nesse processo de rotulação, a função da obra é posta em posição anterior ao critério temático. Se houvesse o mal-estar ou o estranhamento por parte de Jake Sullivan sobre Pandora, o espectador poderia atestar a legitimidade dessa relação. Contudo, a não-problematização desse novo universo pelo forasteiro e sua recepção amigavelmente recíproca não permite uma reflexão avançada sobre o contraste construído entre a Terra e o planeta Pandora. Compreendemos que a falta do filme em proporcionar essa discussão o torna falho enquanto utopia.

Jake Sullivan representa a oposição existente entre os dois mundos. No desfecho, o personagem deixa o corpo humano – representado como deficiente – para se tornar completamente Na’vi, habitando para sempre seu avatar. Ao falar desse processo de transposição, Chauvin (2010) utiliza pela única vez a expressão “utopia”: “[...] o final, que registra a passagem de um corpo para outro, diz muito sobre a utopia de um cinema livre dos seus obstáculos materiais e da realidade física do mundo real, definitivamente externa.” (p. 60 – 61). Contudo, o termo não está ligado, especificamente, à diegese e sim ao cinema, no sentido generalizado.

Nessa citação, o crítico retorna à questão da imagem sintética. Pois, no momento em que menciona “um cinema livre dos seus obstáculos materiais”, ele trata da possibilidade, inaugurada ou buscada por James Cameron, de renúncia da representação de um referente real. A reflexão teórica sobre este tema está em *Cinema, Vídeo e Godard* (2004), livro no qual Phillippe Dubois traça um panorama histórico das imagens e dos instrumentos utilizados no seu processo de composição. Ao falar da última etapa, o autor trata do conceito da “imagem informática” (p. 47).

A animação, por sua vez, se inscreve nesse último estágio (ou estágio presente) no qual a imagem é vista como um produto integral das máquinas e não mais como um objeto “captado” ou “reproduzido”. Dubois coloca que “não há mais necessidade de instrumentos de captação e reprodução, pois de agora em diante o próprio objeto a se “representar” pertence à ordem das máquinas. Ele é gerado pelo programa de computador e não existe fora dele.” (p. 48)

4. CONCLUSÕES

James Cameron é bem sucedido, como já mencionado por Chauvin, em construir uma película tecnicamente autônoma de referentes reais. A sequência final, que conta o abandono do corpo humano (em imagem óptica) pelo corpo *Avatar* (em imagem de síntese), pode ser lida como uma reflexão do diretor/produtor sobre o seu próprio processo de realização e a tradição na qual se localiza: um cinema “utópico”, não no sentido de aproximação da função social exercida pelas obras, mas de uma projeção material e estética cada vez mais distante e incongruente à realidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVATAR. James Cameron (produção, direção e roteiro). Estados Unidos: 20th Century Fox, 2009. 162 min.
- AUMONT, J. et all. **A estética do filme**. Campinas: Papyrus, 1995.
- AUMONT, J.; MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas: Papyrus, 2003.
- DUBOIS, Philippe. **Cinema, Vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CHAUVIN, Jean-Sébastien. Nouvelle Frontière, critique d'Avatar. In: **Cahiers du Cinéma**, nº 651, janvier, 2010, p. 60 – 61.